

O Paraíso, buscado um dia nestas terras

Visão do Paraíso, de Sérgio Buarque de Holanda, Nacional, 3ª ed., 360 págs., Cr\$ 120.

Dezoito anos medeiam entre a primeira e a terceira edição que ora se apresenta ao leitor. Quando, em 1958, Sérgio Buarque de Holanda submeteu a "Visão do Paraíso" como tese para a conquista da cátedra de História da Civilização Brasileira na Faculdade de Filosofia da USP, houve um examinador que a criticou na feitura, atribuindo-lhe, antes, a qualificação de ensaio, "por não esgotar a respectiva matéria", e na interpretação do mito e sua função nos móveis da expansão marítima-mercantil portuguesa.

Tratava-se, na realidade, de uma tese magistral, concebida com notável inteligência, realizada com erudição ímpar, sem precedentes na historiografia brasileira — fatos irrefutáveis, que não escaparam nem mesmo àquele examinador que se negava a reconhecer na história a força do econômico. Tese ou ensaio, uma coisa é certa: a "Visão do Paraíso" já nasceu com as qualidades de um clássico, irretocável, portanto; algo assim como o legado do humanismo às gerações brasileiras. Livro extremamente rico, de inesgotável beleza e perene unidade, pela concepção, pelo estilo e saber que nele se encerra. Daí, a impossibilidade de resumir-lo sem correr o risco de trair o autor e apoucar-lhe a grandeza.

Se fosse o caso de classificá-lo, diríamos que se situa como história das mentalidades, ao procurar reconstituir o universo intelectual do fim da Idade Média ocidental em contato com o novo mundo do Renascimento, levando o leitor a penetrar na imaginação daqueles homens que registraram a sua maneira de ver, sentir, apreender e explicar o que se vendava aos seus olhos.

Os dois limites aí se encontram — a experiência e a fantasia. No primeiro, como um "retrocesso" — ou, ainda, expressão de uma mentalidade "já arcaizante —, situam-se os portugueses, cujos escritos quincentistas sobre o Novo Mundo traduzem adesão ao real e ao tangível,

gosto do pormenor e do episódico, com atiladas descrições que traem interesses pragmáticos, diversos dos padrões humanistas em ascenso e mais próximos do "pedestre realismo" de fins da Idade Média. Penetrar no mundo do Renascimento é bem mais difícil e complexo do que faz supor a leitura de manuais inspirados na visão de Burckhardt.

Mestre Sérgio a ele nos conduz, à "primavera da Idade Moderna, quando a tradição medieval árabe e cristã se alia à do mundo clássico, agora ressuscitada, povoando o céu de imagens", citando Pico della Mirandola, "onde se transfiguram, ganhando novas forças, as crenças mitológicas da Antiguidade". Ganharão vício disciplinas hoje desacreditadas, a retórica, a magia, a astrologia, a alquimia, em contradição com a noção de um Renascimento voltado para a ciência e a observação da natureza. É para a fantasia que ele nos leva, com mão firme. O conhecimento, as idéias, a arte também se desenvolvem de forma desigual, por vias tortuosas.

Mas às "delirantes imaginações", tão à moda dos outros conquistadores, contrapõem-se "nossos velhos cronistas portugueses" que, de tanta experiência acumulada e tantos mares navegados, perdem o gosto da maravilha, despojam-se dos mistérios, descobrem um mundo real capaz de gerar riquezas e mercados para os seus comerciantes, glória e grandeza de Lisboa e seu soberano. São céticos como Alviano, otimistas como Brandônio ou irônicos como Frei Vicente do Salvador, numa visão singela daquele primeiro Brasil que complementa no seu mundo agrário a hipertrofia urbana de Lisboa e Porto: colônia e metrópole, ambas vivendo "a mesma espécie de extroversão econômica e social". Se por um lado a "Visão do Paraíso" foi aqui atenuada no primeiro século, por outro, é a partir daí que se inicia a "procissão dos milagres", na expectativa dos Eldorados. Mas isso, seria outro livro.

Maria Yedda Linhares,
historiadora, professora da FGV-RJ

Folha de São Paulo

SBH
Pt 266 2/15

1977
Folha de São Paulo